

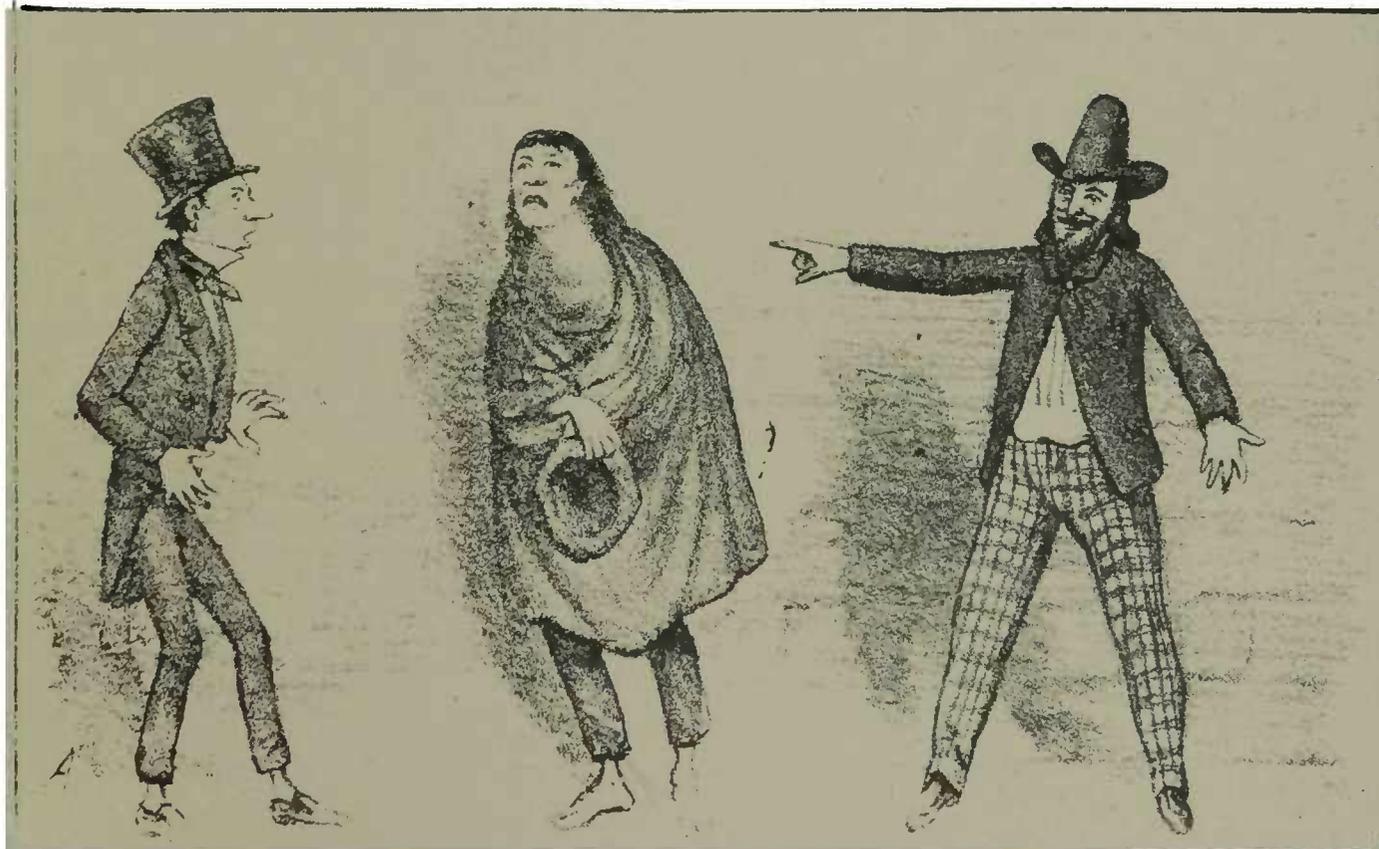
Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida à Redacção do CABRIÃO—no escriptorio da rua da Imperatriz n.º 20, onde assigna-se e vende-se este jornal aos Domingos, Segundas e Quintas-feiras.

N.º 11
Publica-se
aos Domingos

PARA A CAPITAL.
 Trimestre . . . 5\$000
 Semestre . . . 8\$000
 Anno . . . 13\$000

PARA A PROVINCIA
 Trimestre . . . 6\$000
 Semestre . . . 9\$000
 Anno . . . 14\$000

Avulso 500 rs.— Pagamento adiantado.



E' surdo, idiota e mais o que se vê ; e apesar de tudo foi remettido de Bragança como guarda nacional designado para a guerra ! Minha opinião é que seja antes enviado para o Museu, não esquecendo-se a Presidencia de agradecer *comme il faut*, á quem mandou-lhe tão curioso presente.

CABRIÃO

S. PAULO, 9 DE DEZEMBRO DE 1866.

O *Cabrião*, graças á sua posição social, não foi ainda nem designado, nem recrutado. As autoridades tem guardado respeito á sua autonomia, e fazem bem; apesar de pequeno, elle tem forças de leão e era capaz de fazer das suas se o quizessem metter na jaula.

Como porém, não o tenham encommoado, continúa á levar vida folgada e a *cabrionar* a humanidade, fim para que veio ao mundo.

Depois que vio fechar-se o theatro, irem-se os estudantes e interromper-se o transito da estrada de ferro, vinga-se á fumar charutos do *Miguel* e a lêr as *Chronicas do Diario*.

Ninguém dirá que elle tem bom gosto; embora, é preciso saborear de tudo, para cousa alguma ignorar.

O *Cabrião* está satisfeitissimo com o proceder dos seus patricios; dar liberdade aos escravos e offerecel-os para desaffrontar a patria, são cousas muito do seu agrado. Já inscreveu no seu canhenho particular os nomes dos benemeritos cidadãos, que tão dignamente hão feito jus á gratidão nacional.

Santo Amaro, afinal, sahiu da concha e a camara offerece duzentos mil réis á sete voluntarios. Já é alguma cousa e o santo póde rehabilitar-se. Vivas sejam dados ao Paraizo dos palmitos.

O *Cabrião* está tomando apontamentos e promete dar á estampa os retratos dos que se distinguirem por actos patrioticos e dos que se celebrisarem por actos de vinagreira na presente conjuntura.

Preparem-se, e contem com a boa vontade do seu amigo *Cabrião*.

Gazetilha

UNIÃO LUSO-BRASILEIRA.—No dia 1.º de Dezembro, deu-se no Theatro de S. José o espectáculo annunciado pela sociedade *União Luso-Brasileira*, com o duplice fim de solemnizar o anniversario da restauração de Portugal e applicar o producto da recita ás obras do hospital da Sociedade de Beneficencia Portuguesa.

Ao mesmo tempo que os portuguezes com-

memoravam um dos mais brilhantes feitos do passado, estendiam a mão caridosa aos seus patricios desvalidos. Nada mais grandioso.

O espectáculo foi concorrido.

O drama representado foi *Alvaro de Abranches*. O *Cabrião* declara com a franqueza do costume, que embirrou logo com o titulo do drama. Descendente em linha recta dos *Dous Renegados*, do *Mascara Negra* e outros que dormem na poeira dos archivios; *Alvaro de Abranches* é um drama que causaria furor nos bellos tempos em que o Henrique fazia o seu *pé de alferes*, mas que hoje é apenas tolerado, como se tolera uma velha rabujenta ou uma moça metida á litterata.

O povo já desacostumou-se das scenas, em que a mascara e o punhal, o capacete e a lanterna furta-fogo, eram accessorios indispensaveis. O scenario tinto de sangue, os gritos da victima, o aspecto sinistro do carrasco, tudo isto cahiu em exercicios findos, é roupa que não está mais na moda.

Tudo que não é o reflexo do *Pedro*, dos *Homens de marmore*, das *Azas de um anjo*, da *Filha do Lavrador*, etc. valerá apenas como uma recordação do passado; arrancará um suspiro, mas não produzirá um—*bravo!*

A arte caminha sempre e com ella devem caminhar os artistas, seus verdadeiros interpretes.

Não obstante, *Alvaro de Abranches*, representado por moços que não fazem do palco uma profissão, de alguma sorte agradou.

O publico applaudiu o esforço desses moços generosos, que offerecendo-lhe um agradável passatempo, tiveram em mira a pratica da mais sublime das virtudes—a caridade.

O *Cabrião* os saúda e agradece a delicadeza que mostraram convidando-o á assistir essa festa artistica e beneficente em companhia do distincto pintor, que obsequiosamente e com tanto esmero executou o quadro representando D. Luiz I e D. Pedro II. A tout le seigneur, tout l'honneur.

Assim praticando, mostraram-se gratos, e deram um eloquente testemunho do apreço que lhes merece as manifestações da imprensa, sempre lembrada com distincção pelos homens da sciencia e da arte de todos os tempos e de todos os paizes onde a civilização tem penetrado.

CAFE' LAURETTE.—M.^{mo} Laurette mudou seu

estabelecimento do Largo do Palacio para a *Rua do Cabrião* n. 4, antiga Rua da Imperatriz.

O café, a serveja, o chocolate, e outras bebidas espirituosas do estabelecimento não tem rival em S. Paulo. Affirma-o a proprietaria da casa. Affirma-o o *Cabrião*. E affirmará todo aquelle que tiver uma vez entrado n'aquelle recinto de luzes alcoolicas.

Neste S. Paulo aonde tudo navega em um mar de cynismo, é obra de caridade indicar ao publico um ponto de palestra *animada*, e onde, além do mais, é facil molhar a palavra por quaesquer quatro vintens.

Cumpra ainda não esquecer que a proprietaria do estabelecimento promette vender seus generos pelos preços do Rio de Janeiro!

Não assustem-se os *vinagres* com esta ultima idéa. Sabe-se que os preços do Rio de Janeiro são cousas de esfolar como agua fervendo, não ha duvida; mas devem ter em vista, que os preços do Rio tem—gráo maximo, gráo medio e gráo minimo, e não ha duvidar que M.^{me} Laurette ha de sempre applicar o gráo minimo em attenção aos paulistas *vinagres* e não *vinagres*.

JORNAES.—O *Cabrião* foi obsequiado com o *Correio Fidelsense* e o *Correio do Recife*, jornal illustrado com finas gravuras e digno de lêr-se pelo bem elaborado dos seus artigos. Ambos foram recebidos com especial agrado.

DOUS DE DEZEMBRO.—Fosse o recrutamento, que tem espantado até os gatos que andam pelos telhados, fosse a designação que tem posto em movimento este pedacinho de Brazil, fosse o que fosse, o certo é, que o dia dous de Dezembro, passou frio como uma noite de S. João. A artilharia do Carmo, foi dar um passeio á Matto Grosso e a guarda nacional, na sua maior parte, está tirando sipó para os andaimas das obras de palacio.

O *Cabrião* que aprecia o que é bom, foi até o pateo do Collegio e vio apenas um ou outro figurino enfeitado. E mais não disse. Já se foi aquelle bom tempo, em que a guarda nacional, dava uma descarga, assim a modo de pipocas que rebentam, e faziam evoluções capazes de pôr boqui-abertos os taes senhores prussianos, que deviam dar um passeio até cá, para aprender o manejo.

« Mudam-se os tempos da nossa ventura. »

CONSOLLO.—Graças á Deos, depois que a municipalidade tomou providencias para que os carros de lenha não *chiassem* dentro da cidade, operou-se um notavel melhoramento: *chiam* mais do que nunca.

Em epocha de tantos desgostos isto é um consolo.

DELIBERAÇÃO.—Dizem que as *irmãs francezas*, que em numero de 7 chegaram ultimamente da Europa, deliberaram seguir para o Paraguay na qualidade de enfermeiras.

Attribue-se o proposito aos conselhos dos barbadinhos.

Não era mesmo de esperar—que *Reis tão sabios* procedessem de outra sorte.

Afança-se ainda, que alguns dos padres estão dispostos a seguir-as—ainda que seja até as margens do *Cocytus*.

Um brado de animação á tão santa gente: Away! Away! Away!

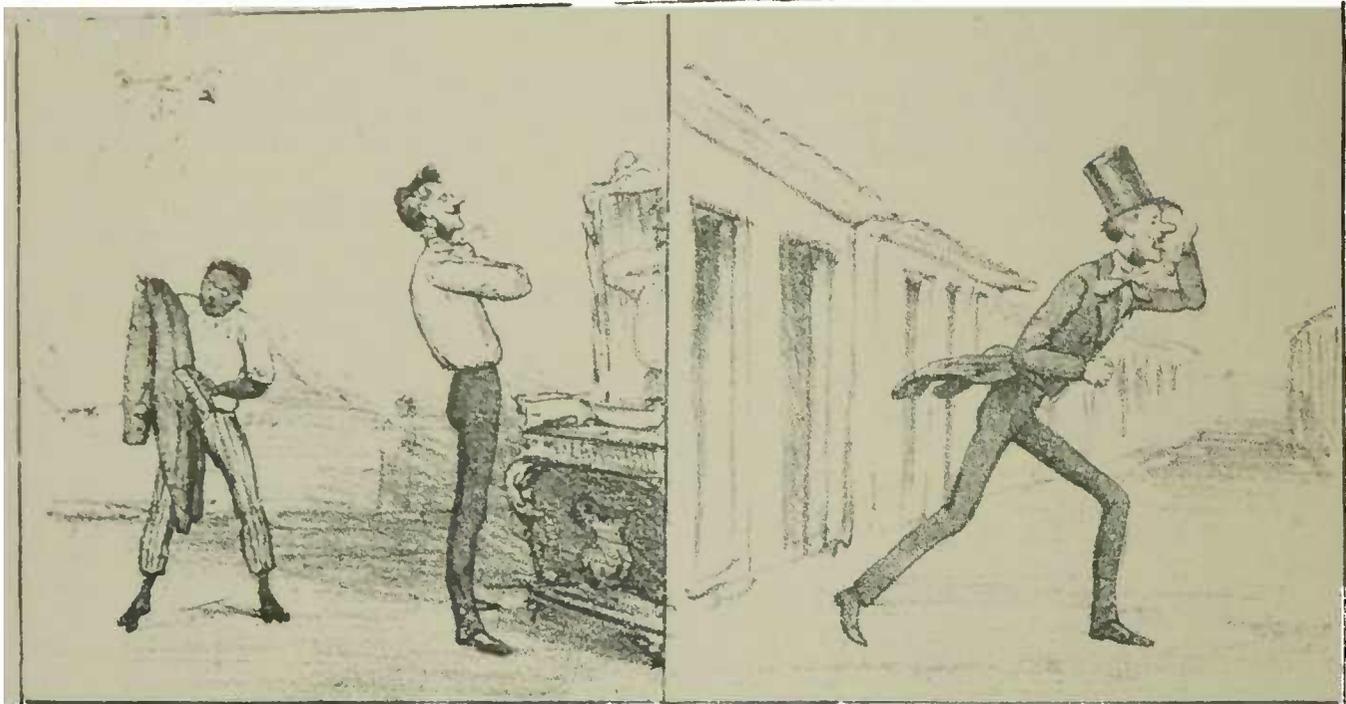
DESIGNAÇÃO.—Decididamente Bragança assentou de immortalisar-se com as designações dos guardas nacionaes! Em 1865 de lá vieram para a capital *sexagenarios* que mal podiam mover o pé, e guardas com papos maiores que um côco da Bahia.

Na era do recrutamento—1866, acaba de apresentar-se em palacio um pobre homem, completamente idiota e honrado pela natureza com um famoso papo, que lhe será fatal em qualquer ataque, por que o inimigo não desprezará tão bom alvo. Na verdade! Designar um coitado que traz o Jaraguá no pescoço, e mal supportará o peso da arma, é mais do que injustiça, cheira á loucura.

Designem homens sãos e valentes, que possam bater-se no campo da batalha, mas não percam o tempo enviando idiotas, rengos, e papudos. No theatro da guerra não ha exposiçáo de raridades, para que se faça taes remessas.

Basta de papudos, escolham gente sem papo, que possa occupar gravata. Para amostra, bastam os dous que vieram.

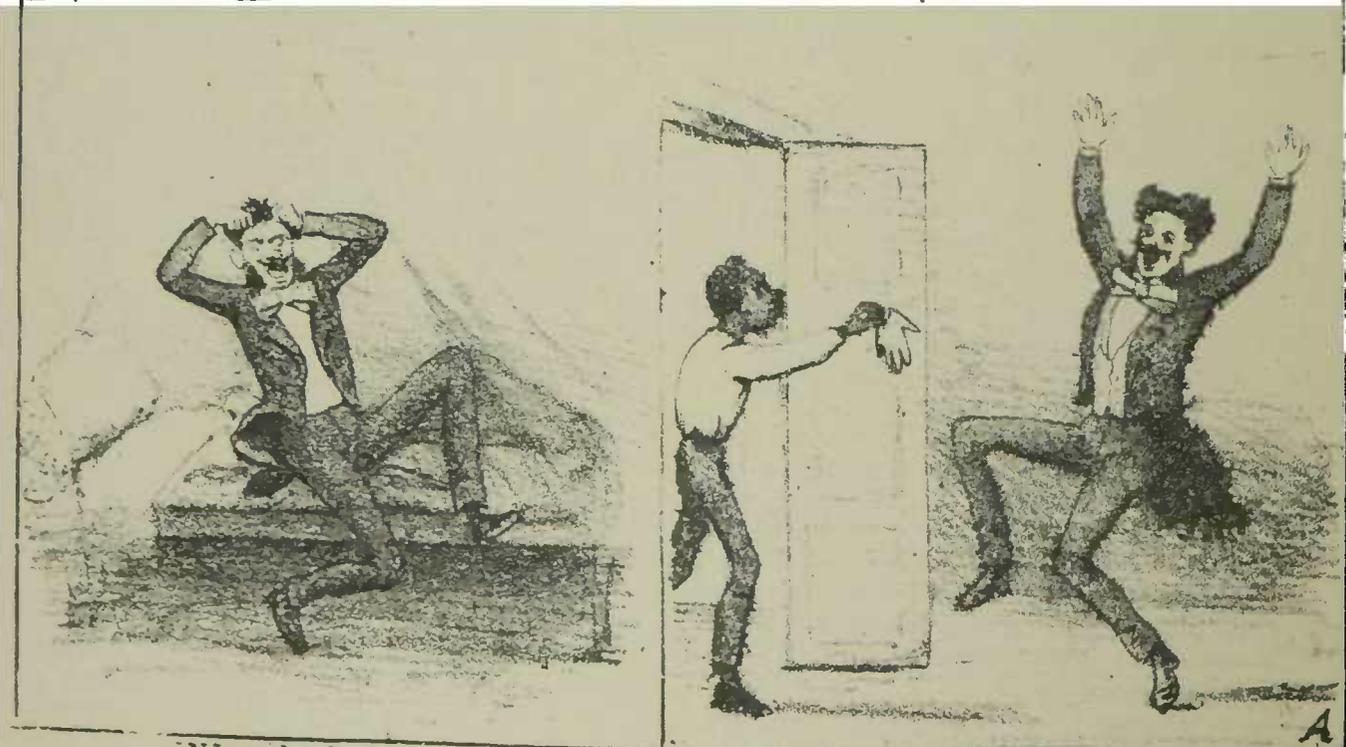
ESQUELETO.—Em um dos pateos do centro desta capital existe ha dias exposto á contemplação publica um enorme esqueleto, provocando o desgosto não só dos moradores visinhos como dos transeuntes.



Episodios no baile

Prepara-se para o baile.

Corre por toda a cidade á procura de luvas.



Não acha luvas.

Um visinho caridoso manda-lhe uma.

A



Apenas consegue a 25.ª quadrilha!



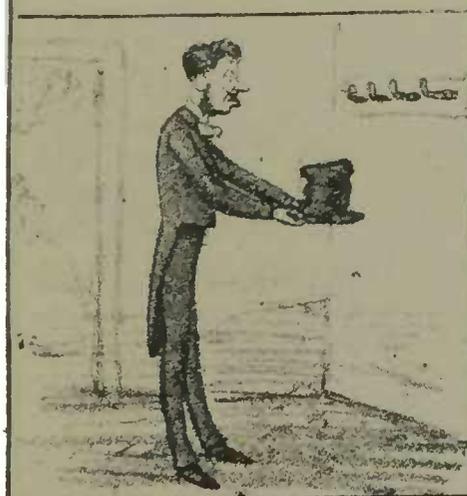
Os vestidos de cauda lhe são fataes !!



A fatalidade continúa no chá !!!



Até os bons-bocados o perseguem!!!!



O unico chapéo que lhe de-
charam!!!!



Resigna-se á esperar que
amanheça por não lhe abri-
rem a porta!!!!



Afinal a patrulha mette-o no
chilindró!!!!!!

Chamamos á attenção de quem competir para a remoção daquelle espantalho:

Não podemos terminar sem communicar que o esqueleto referido é o que se acha no largo de S. Bento, pertencente ao corpo da companhia de cavallinhos.

Sem titulo

Trata-se de caixões... para defunctos.

A industria dos caixões está realmente atrasada entre nós. Ainda são feitos á mão. Em Paris, terra do progresso, já adquiriram as honras da machina, e, o que é melhor para o fabricante, as regalias do monopolio. O sr. Bataille é o unico fabricante de caixões em Paris, arrematante do que os francezes chamam *pompes funèbres*, e que nós diriamos fornecimento de utensilios de gatos-pingados. Não vende a retalho. Note-se mais que, segundo a legislação franceza, o caixão tem as honras de movel. Entre nós não sabemos se está classificado.

O caso é que o tal sr. Bataille tem immensas officinas, numerosos operarios, e ganhou uma medalha na exposição de Paris, pela lindeza e perfeição dos caixões, que apresentou.

Em nossa terra ainda os caixões são grosseiros e tem a gente mêdo delles. Em França, além dos ordinarios, ha caixões riquissimos de mogno, de ébano, incrustados de marfim, prata e ouro, commodamente forrados de seda e estofados.

Deve ser um gosto estirar-se a gente alli dentro.

Não faltam anedotas a respeito dos caixões.

O celebre romancista Eugenio Sue, muito tempo teve por unico bahú um caixão. A caixa funebre parecia-lhe commoda para não amarrotar o fato. Não tinha de dobrar a roupa como nos bahús ordinarios... e além disso mettia o caixão debaixo da cama e assim não empachava o quarto.

Um inglez, capitão da marinha militar, offereceu ao almirante Nelson um caixão feito do mastro de um navio tomado ao inimigo. O illustre almirante agradeceu muito o funebre brinde.

Um ratão de bom gosto costumava guardar n'um caixão de criança bastantes objectos que muito apreciava. Dizia elle que o receio inspi-

rado pelo cofre funebre impediria os ladrões de o roubarem.

O que affoitamente se póde affirmar é que não ha philosophos como os fabricantes de caixões. Dizem que é um gosto vêr os carpinteiros do sr. Bataille fabricando a ultima habitação dos seus semelhantes, e rindo e cantando alegremente emquanto pregam as taboas funerarias.

Muito se tem fallado dos monges da Trappa que não se encontravam sem se saudarem com a phrase: *Irmão, é força morrer!*

Mas, segundo conta-se, os taes operarios de caixões nem andam tristonhos, nem inventaram phrases melancolicas. Qual! São alegres como pintasilgos, e riem-se da morte, no que os acompanha a honrada corporação dos gatos-pingados e todos os outros avejões que se empregam em nos metterem na cova.

A martello

Apre! com seiscentos diabos, que é cousa difficultozissima escrever-se para o publicól Não agradeço ao sr. *Cabrião* as aperturas em que me pôz, fazendo-me seu collaborador.

Ouçam, e vejam se não tenho razão de sobra.

Assento-me deliberado a consumir todo papel que encontrar sobre a mesa, apresenta-se-me, desde logo, á imaginação uma cordilheira de idéas, e todas ellas offerecem vastissimo assumpto para um bello artigo; no entanto como começar?

Pelo principio, não é verdade?

Pois é justamente ahi que me aperta o sapato.

A primeira cousa de que me lembro immediatamente é da politica... da politica que sempre foi, é, e será a minha monomania. O que porém dizer a respeito? Combater o governo? Nessa não caio eu que gosto de tê-lo por meu amigo; é sujeitinho que está sempre de espada empunho, e, mais cedo ou mais tarde, o golpe é certo.

Defendê-lo? Outra asneira: quando alguém já não explorou essa mina de modo a torna-la tarefa improficua para terceiro, é que o meninôte tem a defeza em si mesmo, e por tanto não precisa de intruzos que venham desmascarar as artimanhas de algum politico visionario que apparece em ordem do dia, *impando* de opposicionista.

Que fazer pois com a penna em mão, quando tanto já se tem dito sobre tudo mais? Tal é a pergunta que de novo faço á mim mesmo, e eis que um esquadrão de idéas me vem apparecendo e desaparecendo simultaneamente diante de reflexões, ante as quaes dissipa-se a *vis escribendi*.

Predisponho, por exemplo, o espirito para coordenar alguma cousa sobre guerra; o que quer que seja que a proposito se diga, carambola-se immediatamente no governo, e temos o caldo entornado. *Governo e guerra* são questões correlatas, bulir com esta é tocar naquella, e por tanto não ha remedio senão considerar militantes as reflexões já feitas.

Passo pois a pensar sobre um assumpto que me parece innocentissimo—o *artigo modas*. Novamente viro-me e reviro-me na cadeira, escarro com toda diplomacia, levo a penna ao tinteiro e eis que de subito passa-me pela mente uma consideração que molha-me toda escorva que se achava prompta. Fallar de modas é dizer que os freios e cabrestos que hoje estão no rigor, assemelham-se á perolas de orvalho que em descuido cahem de um mar de azevichada seda, que um sacco de préguas, dentro do qual entroxá-se um delgado corpinho parece-se com o trajar da virgem, com a tunica inconsutil e com tudo mais que por ahi segue-se, seria isto mentir á minha consciencia. O meio pois de sahir de semelhante embaraço é a critica severa, mas a critica para com o bello sexo não me convém. Além de ser malho em ferro frio, não quero perder uma eleição que com tanto cuidado hei pleiteado em toda minha vida. Aqui em segredo, sou candidato á posse dos corações de todas as que compõem aquelle mimoso *bouquet*.

A consequencia que tiro é que sobre tal materia ainda não vou bem, e mudo de rumo. Emfim, para remate da obra, percorro todo mundo jesuitico, litterario, scientifico, artistico e recreante, e nada afinal de contas quadra-me ao paladar da penna, de modo que enraivecido atiro-a para um lado deixando só o que ahi fica, e isso mesmo á martello.

A aguia encadeada

(IMITAÇÃO)

Do Caucaso no cimo a aguia despertára
D'entusiasmo aceza:

« Irei roubar ao tigre sanguinario
« A fumegante preza!
« A's mais distantes e elevadas nuvens
« Hei-de o meu vôo erguer;
« E alli, co'a vista devorando o espaço,
« Hei-de, em seus mais reconditos abrigos,
« Meus inimigos
« Fazer tremer!»

Isto dizendo as azas desenrola;
Agita o corpo, firma-se nas garras...
Mas, esforço baldado;
Pois, em quanto dormia, um satyro odioso
Lhe tinha os pés na rocha encadeado.

Qual a aguia do meu canto,
O genio eleva ás nuvens seus impulsos;
Mas a pobreza os pulsos
Com seus ferros lhe opprime muita vez:
E, quando intenta ousado alçar os vôos,
Tem azas na cabeça
E cadeias nos pés.

A lagarta

(IMITAÇÃO)

Quando era inda lagarta a borboleta,
Todos da triste com horror fugiam;
Mas, depois que se fez insecto alado
De mil brilhantes côres matizado,
Todos a amavam
Todos a q'riam.

Tal o vicio de andrajos vestido
E' de todos odiado e aborrecido;
Mas, d'honras e riquezas adornado,
Do mundo é quasi sempre respeitado.

Annuncios

PATRIOTISMO

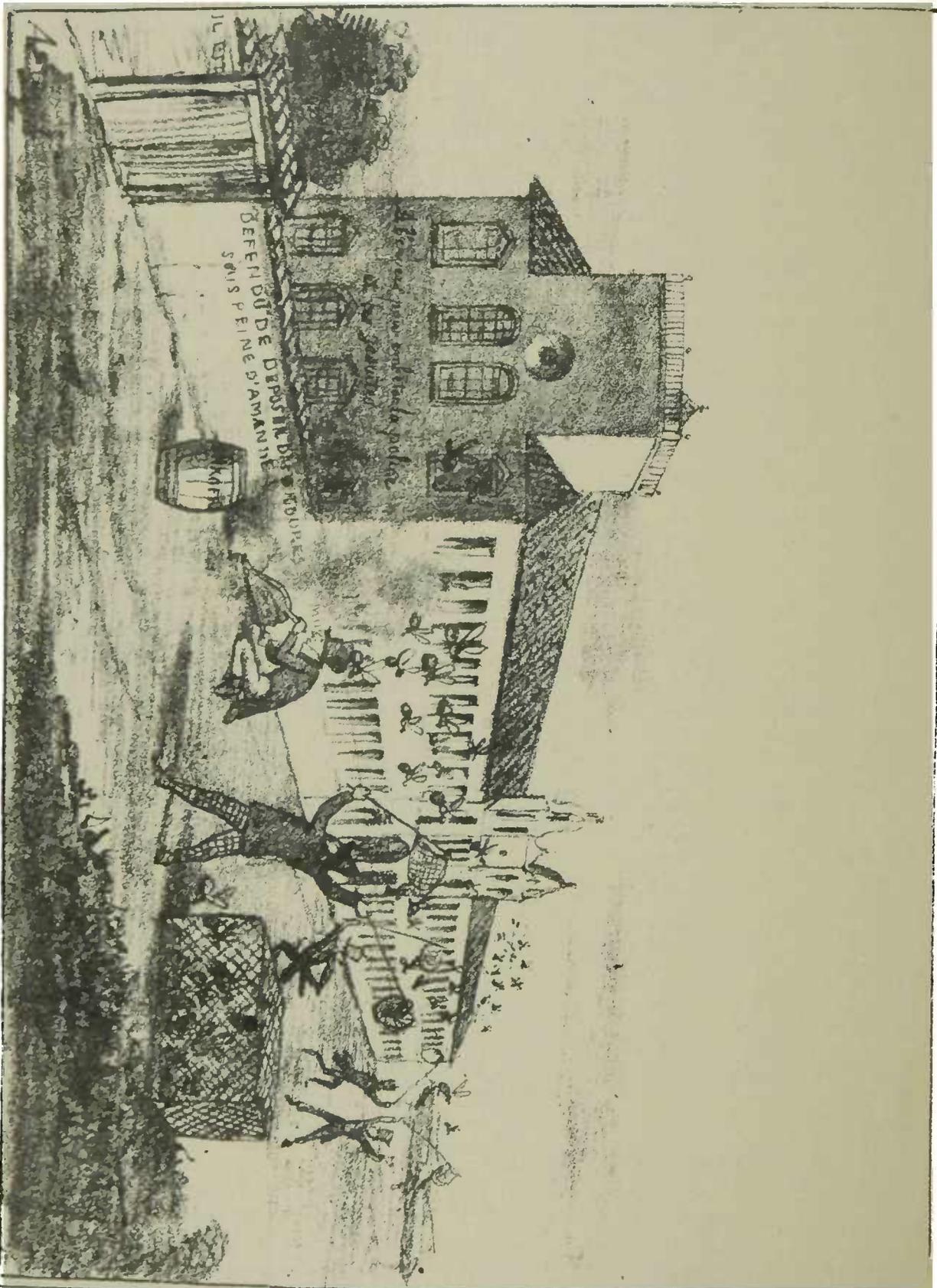
O abaixo assignado não póde resistir á effervescencia patriotica de marchar para o Paraguay, e desejando prestar os seus serviços desinteressadamente offerece-se para substituto ou designado, mediante a modica quantia de 3:000\$000.

Póde ser procurado a qualquer hora.

Pipelet.

IMPORTANTE

Hoje ha leilão de substitutos no escriptorio da agencia, ás 4 da tarde.



Recrutamento de *forçadões* para o exercito.